

Estudo deteta presença generalizada de microplásticos em pinguins da Antártida há mais de 15 anos

20 de Julho, 2021

Um estudo internacional liderado por cientistas da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (FCTUC) demonstrou a presença de microplásticos (partículas com menos de 5 mm), como poliéster e polietileno, entre outras partículas de origem antropogénica, em pinguins na Antártida.

Neste estudo, no qual participaram também investigadores da Universidade de Nova de Lisboa, do Museo Nacional de Ciencias Naturales (Espanha) e do British Antarctic Survey (Reino Unido), foram utilizadas amostras de fezes de três espécies de pinguins – pinguim Adélie (*Pygoscelis adeliae*), pinguim de barbicha (*Pygoscelis antarcticus*) e pinguim gentoo (*Pygoscelis papua*) – recolhidas entre 2006 e 2016, lê-se num comunicado.

As análises realizadas permitiram verificar a “presença generalizada de microplásticos em todas as espécies e colónias”, refere um comunicado divulgado pela FCTUC, dando nota que, além das partículas de plástico, foram encontradas em quantidades semelhantes “outras partículas processadas, na maioria fibras, que, apesar de serem de origem natural (celuloses), são produzidas artificialmente e podem ter compostos, como tintas, que podem persistir no ambiente”.

Este estudo, já publicado na revista *Science of the Total Environment*, segundo os autores, “demonstra que os microplásticos estão cada vez mais difundidos nos ecossistemas marinhos, identificados agora na Antártida, o que é preocupante dada a sua persistência no meio ambiente e a sua acumulação nas cadeias alimentares”.

Joana Fragão, autora principal do estudo e investigadora do Departamento de Ciências da Vida da FCTUC e do Centro de Ciências do Mar e do Ambiente (MARE), salienta que “o mais impressionante dos resultados foi verificar que os microplásticos estavam presentes na dieta das três espécies de pinguins, em vários locais e nos vários anos do estudo (2006, 2007, 2008, 2012, 2013, 2014 e 2016), o que demonstra que estas partículas se encontram já bem difundidas no ecossistema marinho Antártico”.

Por seu turno, Filipa Bessa, coautora do estudo e especialista em poluição por microplásticos da UC, afirma que, “agora que sabemos que várias espécies de pinguins de regiões remotas como a Antártida ingerem microplásticos, mas que não existe um foco específico para a origem destas partículas, o próximo passo é também avaliar os efeitos destas partículas nestes ambientes”.

Os resultados obtidos, sublinha José Xavier, autor sénior do artigo científico, “vão certamente ser muito úteis para abrir novas áreas de investigação nesta temática e avançar com políticas para reduzir o impacto da

poluição por plásticos no Oceano Antártico no contexto do Tratado da Antártida”.

Em jeito de conclusão, os três autores não têm dúvidas de que “são necessários mais estudos para entender melhor a dinâmica espaço-temporal, destino e efeito dos microplásticos nesses ecossistemas, e controlar a contaminação por plásticos na Antártida”.

O artigo científico, intitulado “*Microplastics and other anthropogenic particles in Antarctica: Using penguins as biological sampler*”, pode ser consultado

aqui. <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0048969721027698#f0005>